



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.111.AO05>

Opiniões de universitários/as sobre a série “Os 13 porquês”: prevenção do suicídio?

College students opinions on the series “13 Reasons Why”: prevention or suicide?

Brunno Yan Souza Moraes
Universidade Federal de Alfenas
brunno_yan@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-2809-9052>

Breno Rafael da Costa
Universidade Federal de Uberlândia
b.rafacosta@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-7668-4029>

Sylvia da Silveira Nunes
Universidade Federal de Alfenas
sylvia.nunes@unifal-mg.edu.br
<http://orcid.org/0000-0002-7668-4029>

Agradecemos à Vanja Myra Barroso Vieira da Silveira, da Unifal, pelo apoio na realização dessa pesquisa e à Karen Scavacini pela ideia de investigação.

Resumo

A temática do suicídio é complexa, bem como a busca por sua prevenção. A série “Os 13 porquês” produzida pela Netflix aborda vários temas polêmicos, como bullying, estupro, machismo, homofobia etc, mas tem como mote principal as justificativas para o suicídio de uma jovem. Essa série auxilia na prevenção do suicídio? Ou ao contrário, pode ser um gatilho? Para responder essas perguntas, um questionário contendo questões abertas e fechadas foi elaborado e enviado por email para todos/as estudantes da Universidade Federal de Alfenas, em Minas Gerais. 316 estudantes responderam ao questionário. O presente artigo foca na análise qualitativa das respostas dadas às perguntas abertas. As respostas foram organizadas por meio de 3 categorias: “Sim, a série ajuda a prevenir o suicídio”, “Não, a série não previne o suicídio e pode ser um gatilho” e “A série previne o suicídio parcialmente”. Assim, concluímos que a série “Os 13 porquês”, de fato, facilitou o debate sobre o tema suicídio e outras questões polêmicas e difíceis vividas pela juventude atual que aparecem na série, tais como bullying, depressão, abuso sexual, relacionamentos, dentre outros. No entanto, seu formato também foi considerado problemático pelos/as participantes da pesquisa, uma vez que a construção da narrativa da série e das cenas fortes pode até configurar um estímulo para o ato suicida, especificamente, para aqueles/as que já estão ou estiveram em ideação suicida.

Palavras-chave: suicídio; prevenção do suicídio; depressão

Abstract

Suicide is a quite complicated issue, as well as its prevention. “13 Reasons Why” series produced by Netflix approaches a big array of controversial topics, such as bullying, rape, chauvinism, homophobia etc, although its main topic is to look for the reasons why a girl committed suicide. Is this series putting forward suicide prevention? Or, on the other way around, could one be pushed to do that? To answer these questions, a survey with multiple-choice questions and plus a dissertation request was sent by e-mail to all students of Universidade Federal de Alfenas (Minas Gerais). Out of the total, 316 students have answered. This piece of work focuses on the qualitative analysis of the dissertations (open-ended questions). Answers were organized into three categories: the series prevents suicide, the series does not prevent suicide (may be trigger) and the series partially prevents suicide. Thus, it is presumed that the “13 Reasons Why” series made the debate easier on the topic of suicide and other controversial and difficult issues experienced by today's youth - as pictured in the series - namely: bullying, depression, sexual abuse, relationships, among others. However, its format was also considered troublesome by research participants, since the plot, the series narrative, and strong scenes can even denote a stimulus for the suicidal act itself, for those who truly find or have found themselves in suicidal ideation.

Keywords: suicide; suicide prevention; depression.

Resumen

La temática del suicidio es compleja y también la búsqueda por la prevención. La serie “Por trece razones”, hecha por la Netflix, trata varias temáticas controversias, como el acoso escolar, la violación, el machismo, la homofobia etc., pero el enfoque principal son las razones por una muchacha he suicidado. ¿La serie facilita la prevención del

suicidio o, contrariamente, es un disparador? Con el objetivo de contestar esta pregunta, hemos elaborado i enviado por mensaje eletrônico un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas a todos/as los/as estudiantes de la Universidade Federal de Alfenas (Minas Gerais). Recebemos la contestación de 316 estudiantes. Este artículo presenta el análisis cualitativo de las preguntas abiertas organizadas en 3 categorías: la serie previene el suicidio; la serie no previene el suicidio y puede ser un desencadeante; y la serie previene parcialmente el suicidio. La conclusión que llegamos es que la serie, en hecho, facilitó las conversaciones acerca del tema de suicidio y otras temáticas controversias y difíciles vividas por la juventud actual, como acoso escolar, depresión, violación, relacionamientos, etc. Sin embargo, el formato de la serie también fue considerada por los/as participantes de la investigación como un posible disparador para el suicidio, pues que la narrativa de la serie y sus escenas fuertes pueden ser, para aquellos/as que viven o han vivido la ideación suicida, un disparador para el acto suicida.

Palabras clave: *suicidio, prevención del suicidio, depresión.*

Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde¹ cerca de 700 mil pessoas se matam por ano, o que significa uma morte a cada 40 segundos. No Brasil, os dados mais recentes são de setembro de 2021² e se referem às taxas coletadas entre 2010 e 2019, em que foram registradas 112.230 mil mortes por suicídio, com aumento de 43% comparando-se o número de mortes em 2010 e os de 2019, o que evidencia o quanto esse é um problema social urgente. No entanto, a subnotificação também acompanha o fenômeno, por ser ele ainda um tabu, o que significa que os dados são bem mais significativos do que os números apontados.

Cada morte por suicídio deixa várias pessoas impactadas direta e indiretamente. A quantidade de pessoas afetadas por um suicídio varia conforme o momento histórico e cultural de cada realidade. Mas de modo geral, De Leo (2012) – professor colaborador da Organização Mundial de Saúde (OMS) para Pesquisa e Formação de Prevenção em Suicídio – afirma que há cerca de 5 a 6 pessoas profundamente afetadas por uma morte autoinfligida. Se pensarmos em cerca de 800 mil mortes por ano, então, temos quase 5 milhões de pessoas impactadas pelo suicídio anualmente (De Leo, 2012).

¹ Disponível em: <<https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/suicide>> Acesso em: 19 de julho de 2022.

² Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf> Acesso em: 19 de julho de 2022.

Nesse sentido, embora o dado numérico não traga o drama e profundidade de cada vida que se foi pelo autoextermínio e os impactos que isso deixou para o entorno, é evidente a necessidade de se estudar o assunto para melhor compreendê-lo e também para se construir mais caminhos de prevenção ao suicídio.

A prevenção do suicídio, em seu sentido amplo, diz respeito a toda e qualquer ação que melhore as condições de vida humana (Botega, 2015; Cassorla, 2018). Mas, especificamente, podemos considerar prevenção também as intervenções mais pontuais como: campanhas que informam e propiciam o diálogo sobre o tema; divulgação de casos e da temática de modo responsável pela mídia; redução do acesso aos meios letais; investimento em saúde mental, de modo geral; apoio às/aos pessoas enlutadas e/ou sobreviventes do suicídio, dentre outros.

O suicídio é um fenômeno complexo e multicausal, que desperta uma série de questionamentos sobre a vida e a morte. Existem várias abordagens teóricas sobre os profundos sentidos da morte e do seu impacto nas nossas vidas. Nossas concepções de morte e suicídio partem das reflexões trazidas por Carl G. Jung (1946/1991b) e James Hillman (1964/2016), na qual a morte é vista como o oposto estruturante da própria vida, sem a qual a busca de sentido não se faz possível. Em todas as circunstâncias da vida, a certeza do fim é extremamente necessária para se viver o começo e o recomeço.

Porém, se vivemos em uma sociedade que teme e deseja enganar a morte como o próprio Sísifo³, há consequências de repetição para a estrutura psíquica, como o castigo que ele recebe dos deuses. Pois a certeza da morte, no seu sentido de transformação da própria vida, engendra o nosso potencial de transformação. Assim:

Começo e fim são aspectos inevitáveis de todos os processos. Todavia, se examinarmos de perto, verificamos que é extremamente difícil indicar onde começa e onde termina um processo, porque os acontecimentos e os processos, os começos e os fins constituem, no fundo, um contínuo indivisível. (Jung, 1946/1991b, p.812)

³ Personagem da mitologia grega que engana a morte por duas vezes e depois recebe como castigo a tarefa infinita de subir um monte carregando uma grande pedra, que sempre rola novamente para baixo. O filósofo Albert Camus (1942/2010) faz uma análise desse mito e o suicídio.

Nesse sentido, Hillman (1964/2016) afirma de que... “É na vida que surge o suicídio”, pois de algum modo, o suicídio é um impulso de transformação da própria vida, uma vez que o desejo de morrer, na perspectiva junguiana, está relacionado com profundos significados simbólicos. Ou seja, o que uma pessoa em crise suicida quer matar dentro de si? Na sua vida, ao seu redor, no seu passado, nos seus pensamentos e/ou sentimentos? É inegável que há um desejo de matar uma vida falsa que não condiz com a sua alma e permitir que outra surja no lugar, o que fica claro na seguinte citação:

O suicídio é, então, o anseio para uma transformação rápida. Isto não é morte prematura, como poderia dizer a medicina, mas a reação tardia de uma vida travada que não se transformou à medida que prosseguia. O indivíduo quer morrer imediatamente, e já, porque perdeu sua crise de morte antes. (Hillman, 1964/2016, p. 85, destaque do autor)

Assim, se a pessoa em ideação suicida puder vivenciar as transformações que simbolicamente ela está buscando com a morte do corpo, esse desejo de autoaniquilamento pode se transformar.

No entanto, a reflexão que fazemos sobre o suicídio não recai apenas no sujeito. A qualidade dos vínculos ou laços sociais influem diretamente na ideação e no ato suicida e se relaciona diretamente com as condições sociais que vivemos. Durkheim (1897/2011, p.4), há mais de um século, já anunciou: “Ora, o suicídio, na situação em que se encontra hoje, é justamente uma das formas pelas quais se traduz a doença coletiva de que sofremos; por isso ele nos ajudará a compreendê-la”.

Também Moretto et al. (2017), pelo viés da teoria crítica, refletem nessa conexão entre decisão individual pelo suicídio e condições objetivas de vida, ao comentarem sobre as mortes por suicídio a partir do polêmico jogo Baleia Azul. O jogo chamou a atenção dos noticiários brasileiros em 2017 por se tratar de uma série de desafios que envolviam isolamento social, autolesão, entre outras atividades que finalizavam com o suicídio das vítimas. Entre 2018 e 2019, outro jogo semelhante, chamado Boneca Momo também teve o mesmo impacto (Negreiros & Alencar, 2021).

Esse tipo de suicídio induzido não deixa de ser também um suicídio social, uma vez que é estimulado pelo individualismo e pela competitividade (Moretto et al., 2017). Assim, refletir sobre o suicídio, é também refletir sobre os determinantes sociais que facilitam a produção de subjetividades com maiores dificuldades de elaboração do

sofrimento, justamente pela fragilidade dos vínculos e facilidade do autoinsulamento no mundo atual. Os/as autores/as acima citados/as também analisaram a série “Os 13 porquês” (Yorkey, 2017) produzida pela *Netflix* e concluíram: “Na série, a morte é, para Hannah, a solução que dá fim a uma vida já desgastada pela impossibilidade da experiência, emudecida pela carência de uma comunidade de ouvintes, na qual a esperança ruiu (...)” (Moretto et al., 2017, p.160)

Essa impossibilidade da experiência citada diz respeito ao conceito de Walter Benjamin (1936/1989), como aquilo que forma, marca e deixa lembranças, contrariamente ao conceito de vivência, que embora se relacione a fatos e situações vividos por alguém, não permite uma experiência formadora, por ser excessivamente superficial. Nesse sentido, a desesperança sentida por Hannah não pôde ser comunicada, pela superficialidade e fragilidade dos seus vínculos.

Objetivos

Tendo isso em vista, nosso objetivo aqui é a opinião de jovens universitárias/os sobre esta série supracitada que aborda diretamente o tema do suicídio, os “Os 13 porquês”. A série pode funcionar como uma estratégia preventiva? Ou ao contrário pode ser um gatilho? Aqui estamos utilizando o termo gatilho como uma metáfora para simbolizar os fatores e situações precipitantes da ideação ou ato suicida.

A importância de se analisar uma série de plataforma de *streaming* está no alto consumo dessas séries e filmes por parte da população em geral, mas sobretudo da adolescência e juventude, bem como da influência possível dessas narrativas na construção e reconstrução das visões de mundo do público que a assiste. Garcia-Noblejas (2017) traz, por exemplo, aborda a complexidade entre ficção e realidade entrelaçadas na elaboração dos produtos midiáticos televisivos bem como na forma como eles são apropriados pelos/as telespectadores/as. Isso posto, quais são as opiniões de estudantes universitárias/os de uma série que abordou diversos temas polêmicos, frequentes no cotidiano de jovens?

A série “Os 13 porquês”

A série “Os 13 porquês” é baseada em livro homônimo (Asher, 2009) que conta a história de uma jovem, chamada Hannah Baker, estudante do ensino médio nos Estados Unidos que se suicida e deixa 13 fitas cassetes, cada uma delas direcionadas para uma

pessoa da sua escola (12 são estudantes e o último é o conselheiro da escola). Cada fita narra os motivos de sua decisão de tirar a própria vida, direcionando para uma ou mais situações vividas com a pessoa cuja gravação é dedicada. A série tem 4 temporadas, lançadas anualmente desde 2017. O presente artigo traz a análise dos dados coletados em maio de 2019, com questionamentos sobre a 1ª e 2ª temporada, já que naquele momento, a 3ª não havia sido lançada.

A 1ª temporada se aproxima bastante do livro com uma diferença importante: no livro, o personagem Clay Jensen, que está na 11ª fita, escuta todas as fitas de uma vez, sem interrupção, sem intervenções e sem diálogo com as outras pessoas indicadas nas fitas. Na série, há uma complexa rede de intrigas e agressividade com clima constante de suspense, segredos e ameaças. Clay, além de viver um luto silencioso, tem frequentemente alucinações envolvendo Hannah e acusações de responsabilidade sobre a morte dela. Essa temporada mostra o impacto da morte de Hannah para todos/as os/as envolvidos/as nas fitas e nas histórias narradas nelas, mas sobretudo o receio de que as fitas sejam descobertas, já que elas denunciam *bullying*, assédio sexual, machismo, invasão de privacidade, várias ilegalidades e dois estupros.

Por um lado, se entendemos que o suicídio é uma mensagem, um gesto de comunicação (Marquetti, 2014), então, escutar o que essas pessoas queriam comunicar pode trazer muitos elementos para a compreensão do comportamento suicida, bem como pode instrumentalizar melhor os programas de prevenção do suicídio. No entanto, a série faz isso de uma forma problemática já que o suicídio já foi consumado e essa informação está na sinopse e nos primeiros minutos da série. Nesse sentido, a série pode ajudar jovens espectadores/as a lidar com o comportamento suicida de uma forma diferente? Ou, ao contrário, ela pode estimulá-lo?

Com o objetivo de avaliar o impacto do lançamento da primeira temporada da série e o número de suicídios em todos os Estados Unidos, Bridge et al. (2019) publicaram um estudo estatístico. A avaliação foi feita pela taxa mensal de suicídio entre pessoas de 10 a 64 anos de idade, divididas em 3 grupos etários: 10 a 17, 18 a 29 e 30 a 64 anos. O período considerado foi de janeiro de 2013 a dezembro de 2017 – lembrando que o lançamento da 1ª temporada foi março de 2017. Ou seja, os/as pesquisadores/as buscaram comparar os dados 4 anos antes e meses depois do lançamento da 1ª temporada (Bridge et al., 2019).

Das 3 faixas etárias, a que teve impacto significativo nos dados de suicídios efetivos foi a de 10 a 17 anos. Duas variáveis foram avaliadas conjuntamente: as diferenças sazonais nas taxas mensais de suicídio e o aumento mensal que já vem ocorrendo. Esse aumento foi maior em meninos do que meninas, o que contrariou as expectativas dos/as pesquisadores/as. A análise dos dados indicou que 195 mortes a mais, ou seja, 28% no aumento da taxa de mortes por suicídio em jovens de 10 a 17 anos, seriam o impacto da série nos Estados Unidos (Bridge et al., 2019).

Por outro lado, a Northwestern University realizou uma pesquisa sobre os impactos da série “Os 13 porquês”, encomendada pela Netflix. Participaram 5 mil adolescentes, jovens e pais de 4 países: Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália e Brasil. Os resultados da pesquisa foram divulgados em um site da universidade em março de 2018. Mas não localizamos nenhuma publicação em periódico revisado por pares com base nessa pesquisa.

Segundo a pesquisa, 58% dos/as adolescentes ficaram mais confortáveis para falar com seus pais sobre os assuntos tratados na série, depois de ambos assistirem a série, ou seja, ela propiciou mais conversas entre pais e adolescentes. Além disso, 60% disseram ter se desculpado com alguém que haviam tratado mal após ver a série, o que foi lido pelos pesquisadores/as como uma forma de desenvolver mais a empatia. Porém, pais e adolescentes sinalizaram que a série poderia ter possibilitado mais acesso a outros recursos informativos.

Especificamente no Brasil, o relatório apontou que, após assistirem a série: os/as adolescentes relataram estarem mais alertas para as pessoas em depressão e tanto adolescentes como jovens afirmaram compreender melhor a depressão, bullying, suicídio e violência sexual. Será que essa também foi a percepção de estudantes universitárias/os? Ou será que a série também foi vista como uma forma de gatilho para a ideação e o ato suicida?

Método

O objetivo desse estudo é responder essas questões utilizando a análise qualitativa de um questionário sobre a série, por meio de formulário do *google forms*. Todos/as os/as

⁴ Disponível em: < <https://13reasonsresearch.soc.northwestern.edu/> > Acesso em 09 dez 2019.

estudantes da Universidade Federal de Alfenas (Unifal), da graduação e pós-graduação, foram convidados/as a participar da pesquisa por meio de um *e-mail* institucional.

Dos 316 respondentes, 75,6% se identificaram como do gênero feminino, 23,7% como masculino e 0,7% como gênero não binário. Interessante que a quantidade de estudantes na graduação e pós-graduação na universidade pesquisada que se identificam como homens e mulheres difere dessa divisão entre os/as participantes da pesquisa: na Unifal, 58,3% das estudantes se definem como do gênero feminino e 41,7% como masculino. Como todos/as foram convidados/as a participar da pesquisa, provavelmente, o público feminino se interessou mais em dar sua opinião sobre a série pelo fato da personagem principal que se suicida ser mulher e vivenciar uma série de assédios que muitas mulheres vivem cotidianamente.

Vale ressaltar também que 4,2% dos/as estudantes da universidade responderam ao questionário, o que é um número significativo nesse tipo de pesquisa. A grande maioria dos/as participantes são da graduação (88,9%), de modo que estudantes dos 33 cursos da universidade, dos seus três campi participaram da pesquisa. Dos 22 cursos de pós-graduação, 14 cursos tiveram respondentes ao questionário. A idade dos estudantes variou de 17 a 53 anos, mas 82,9% está na faixa de 17 a 25 anos.

Em relação à série, 53,2% viram a 1ª e a 2ª temporadas inteiras; 26,9% assistiram apenas a 1ª temporada; 11,4% viram a 1ª temporada inteira e começaram a assistir a 2ª, mas pararam. E, finalmente, 8,5% começaram a assistir a 1ª temporada, mas não continuaram.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unifal, tendo recebido o CAAE n.02375518.0.0000.5142. Os/as estudantes universitários/as aceitaram participar da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O questionário foi composto por 14 perguntas sobre a série “Os 13 porquês”, dentre elas 10 foram abertas e 4, fechadas. As questões estão apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 1

Perguntas do questionário sobre a série “Os 13 porquês”

Questões fechadas

Qual temporada você assistiu?

Você leu o livro homônimo que embasou a 1ª temporada?

Quem do seu círculo viu a série?

Você acha que a série ajuda na prevenção do suicídio?

Questões abertas

O que te motivou a assistir cada temporada?

O que achou da série?

Cite aspectos positivos e negativos.

Você acha que aprendeu algo sobre a série? Se sim, o quê?

Conversou com alguém sobre a série?

Essa conversa mudou a impressão que você tinha da série? De que forma?

Você assistiu ao pós-episódio? Se sim, o que achou?

Justificativa para a pergunta “Você acha que a série ajuda na prevenção do suicídio?”

Fonte: os próprios autores

Resultados

O presente artigo foca a análise nas respostas das perguntas abertas, embora alguns dados quantitativos sejam citados para melhor contextualizar a análise. As citações das respostas escritas pelos/as respondentes no questionário estão em itálico e não foram editadas, mas copiadas conforme foram escritas, com erros de digitação típicos da escrita atual em redes sociais e da rapidez com que escrevemos. Essa rapidez também mostra que não houve muita elaboração ou edição na maioria das respostas, o que nos permite chegar mais perto das opiniões dos/as participantes, sem muitas racionalizações.

No que diz respeito à categorização realizada, seguimos o caminho metodológico apontado por Alves e Silva (1992): (1) leituras exaustivas que permitam que os dados “impregnem” o/a pesquisador/a; (2) anotações de relações, interpretações, pontos críticos; (3) diálogo com outros/as pesquisadores/as para que a construção da análise do dado embora não prescindia da subjetividade de quem analisa e interpreta não caia no

excesso de subjetivismo. No nosso caso, a “checagem” da coerência interna das categorias em relação ao grande número de respostas foi feita dentro da equipe que compõem os/as autores/as do presente artigo.

Discutiremos, em uma análise qualitativa, algumas frases selecionadas por representarem pontos apresentados no conjunto de respostas. Especificamente, fizemos dois tipos de leituras para chegar a presente análise: primeiramente, lemos as respostas de todos/as respondentes, buscando uma visão de conjunto da opinião expressa por cada um/a; posteriormente, lemos as respostas de todos/as por questão, a fim de entender que tipo de respostas foram mais frequentes e que configuração se pode fazer desse universo de opiniões e posicionamentos, a cada pergunta. Trouxemos para esta análise as respostas consideradas mais relevantes por nós, evitando repetições desnecessárias, mas formando um mosaico complexo das impressões que a série “Os 13 porquês” despertou no grupo estudado.

Vale dizer também que as questões abertas do questionário são extensas e permitiram que os/as estudantes expressassem sua opinião de forma ampla. É possível notar que a série, em muitos, provocou sentimentos diversos: há pessoas que disseram gostar da série ou que aprenderam coisas importantes com ela, mas isso não significa que a considerem como forma de prevenção para o suicídio, justamente pelos gatilhos possíveis. Outros/as estudantes responderam de forma favorável ou elogiosa à série em algumas questões e críticas em outras. Mas houve também quem expressou opiniões totalmente favoráveis ou totalmente desfavoráveis sobre a série, do início ao fim do questionário. Considerando essa diversidade, escolhemos apresentar as frases por meio de 3 categorias: “Sim, a série ajuda a prevenir o suicídio”, “Não, a série não previne o suicídio e pode ser um gatilho” e “A série previne o suicídio parcialmente”. Essa divisória foi construída dessa forma e exatamente nesta ordem devido à porcentagem de respostas dadas para a pergunta “Você acha que a série ajuda na prevenção do suicídio?”, questão central de nossa pesquisa, que teve 3 possibilidades de respostas: sim, não, parcialmente. Dos 316 questionários, 9,5% estudantes afirmaram que sim, 30% que não e 59,8%, parcialmente.

A cada citação direta, algumas informações, entre parênteses, sobre o/a estudante respondente são apresentadas mas sem possibilitar sua identificação: iniciais que não correspondem à inicial do nome real do/a respondente, quais temporadas viu e gênero

(feminino ou masculino). A identificação das temporadas assistidas foi feita da seguinte forma: 1T representa ter visto a 1ª temporada inteira; 2T, ter assistido as duas temporadas inteiras; 1p significa que o/a participante começou a ver a 1ª temporada e parou e, finalmente, 2p, que a pessoa viu a 1ª temporada inteira, começou a ver a 2ª e parou.

Sim, a série ajuda a prevenir o suicídio

Como afirmado anteriormente, uma minoria de respostas (9,5%) foi no sentido de entender a série como uma forma de prevenção do suicídio. Mas a análise das respostas nesse sentido traz reflexões importantes sobre a temática.

Alguns, por meio de uma identificação com a personagem principal, expressaram a necessidade de falar do assunto. O estudante H., por exemplo, respondeu sobre o que aprendeu com a série: “*Que não estou sozinho nessa*”. E sobre o que achou da série: “*Realista, coloca em discussão algo que era banalizado*”. H. escreveu também que a série ajuda na prevenção do suicídio e justificou: “*Quem vive aquela realidade, ve que não é o único que passa por isso e que os preconceitos estão sendo rompidos*” (H, 2T, m).

Também o estudante T. opina nesse sentido sobre a série: “*Eu achei positivo porque aborda o tema e nos faz refletir sobre o que podemos melhorar no convívio com as pessoas*”. E afirma que a série ajuda na prevenção do suicídio... “*Porque traz consciência e traz o debate do assunto, pois o suicida, não se vê como parte da sociedade*.” (T, 2T, m). Nesse sentido, também afirma a estudante A. quando perguntada sobre a sua opinião da série: “*Excelente conscientização sobre suicídio, bullying*.” E na justificativa para a prevenção do suicídio, que ela acredita ser possível pela série: “*Auxilia que possamos estar atento ao próximo*” (A, 2T, f).

Essa possibilidade de estar mais atento/a às pessoas a sua volta a partir do que a série trouxe pode ser chamada de empatia, como cita o participante L., quando perguntado sobre o que aprendeu com a série:

Sim. Hoje eu tenho mais atenção a qualquer comportamento estranho das pessoas que eu conheço, ou mesmo, não conheço pessoalmente devido a suicido. Hoje eu tenho uma atenção ainda maior nas coisas que as pessoas postam em suas redes sociais, o que elas falam, afinal é um alerta, um sinal que elas demonstram implicitamente por ajuda. E a série me ensinou a ter mais empatia, me colocar no lugar do outro. (L, 2T, m).

Nesse mesmo caminho C., ao responder sobre o que aprendeu com a série, fala do quanto a série... “(...) dá um choque de realidade para aqueles que não sofrem do problema, mostrando que há pessoas em sua volta que estão precisando de ajuda e nós devemos prestar mais atenção nelas e ajudarmos, para evitar que ocorram tragédias” (C, 2T, f).

Essa possibilidade de estar mais atento ao outro é vista pela participante G. também como a influência mútua que temos, uma vez que a série: “fez a gente concluir que as vezes influenciamos na vida de alguém mais do que sabemos, e que é importante prestar atenção em sinais no outro que indiquem algum problema (ainda mais se for uma pessoa próxima)” (G, 2T, f).

Já a estudante T. entende que a série contribui para a prevenção por dois motivos, a dimensão do luto por suicídio e a não escolha do suicídio pela maioria dos personagens:

Porque mostra pra quem pensa no suicídio como fica as pessoas que a amam após tal decisão, entre muitos outros fatores, por exemplo outros personagens da série também sofreram diversas agressões físicas e verbais e não optaram por isso em um grupo de aproximadamente 10 personagens centrais apenas 2 tentaram suicídio, isso mostra que tem outros caminhos além deste (T., 2T, f).

Além das respostas positivas quanto à prevenção do suicídio, vários/as estudantes apontaram a necessidade de se falar mais de suicídio, como a estudante O.: “É preciso falar no assunto, as pessoas caracterizaram os suicidas como pessoas sem amor, egoístas, vazios, sem Deus etc. Sendo que nada tem haver com a realidade” (O, 1p, f).

Muitos respondentes, em variadas respostas e posicionamentos, relacionaram a série à depressão. Na questão aberta referente à prevenção do suicídio por meio da série, houve 25 menções sobre a depressão, independente da pessoa achar que a série contribui ou não com a prevenção. O estudante R., por exemplo, respondeu “Que depressão é sério e bem pesado” (R, 2T, m), quando perguntado sobre o que aprendeu com a série. Para ele, a série é uma forma de prevenção do suicídio porque... “(...) eles deixam contatos de ajuda para quem tem a doença, mostram para quem não tem como as ações podem interferir na vida dos outros.” (R, 2T, m).

A estudante I também aborda esse ponto:

A série mostra que pessoas com tendência suicida nem sempre parecem tristes e deprimidas, isso ajuda quem convive com pessoas depressivas a entender um

pouco da doença. Mas ainda assim, não acho que seja o suficiente para prevenir o suicídio. Acho que está no caminho, mas é preciso todo um conjunto de ações e muita conscientização. (I, 2T, f).

No questionário como um todo, foram 94 referências à depressão, em todas as questões abertas. A temática da depressão será abordada também nas próximas duas categorias.

Não, a série não previne o suicídio e pode ser um gatilho

A análise da pergunta sobre prevenção do suicídio, indicou que 30% dos/as respondentes afirmaram que a série não previne o suicídio e pode ser uma forma de gatilho. Algumas das opiniões nesse sentido são expostas aqui. Mas também escolhemos apresentar as opiniões que abordam aspectos positivos da série porém visualizando essa romantização e possível gatilho.

A participante E. relatou ideação suicida desde a pergunta sobre as motivações para assistir a 1ª temporada: “*Resolvi assistir, pois falava de suicídio e como sou uma pessoa que tem pensamentos suicidas constantes queria ver como poderia lidar com esses pensamentos*”. Em relação à motivação para assistir à 2ª temporada, ela afirma: “*Me identifiquei com a história da personagem*” (E, 2T, f). Sobre a sua opinião quanto a série, ela diz mais claramente da identificação com Hannah e de sua ideação suicida:

Eu achei interessante, chorei muito, pois me identifiquei com a personagem que sofreu abuso. Já passei por isso. O ponto negativo foi que depois de passado um tempo pensei seriamente em me matar como a personagem principal. Só não me matei até hoje porque tenho mãe, mas os pensamentos de todas coisas que aconteceram comigo me rondam todos os dias. (...) Toda semana eu penso em me matar e não sei se vou aguentar por muito tempo. Fico pensando no sofrimento que vou causar pra minha mãe, mas ao mesmo tempo penso que ela vai acabar acostumando com a minha ausência⁵. (E, 2T, f)

⁵ Essa estudante foi contactada pessoalmente pela docente responsável da pesquisa, primeira autora deste artigo. Ela afirmou viver um quadro de depressão e ansiedade, fazer tratamento psiquiátrico e estar em busca de atendimento psicológico. No entanto, vale a pena comentar aqui que essa sensação da pessoa em ideação suicida de que as pessoas irão se acostumar a viver sem ela é tão ilusória quanto comum. Essa ilusão chega a ter uma tonalidade de altruísmo, segundo Hillman (1964/2016). Ou seja, a pessoa sente que é um peso para os outros e por isso se matar seria resolver não só seus sofrimentos como os de outras

Na questão sobre o que aprendeu com a série, a estudante respondeu: *“Aprendi mais uma forma de me matar”* (E, 2T, f). E sobre a série contribuir para a prevenção do suicídio, ela respondeu *“parcialmente”* e justificou: *“Acho que até pode ajudar algumas pessoas, mas a mim não ajudou. Muito pelo contrário me encorajou mais a me matar”* (E, 2T, f). Esse possível encorajamento ao suicídio (ou gatilho) feito pela série será mais comentado em outras respostas dadas pelos/as participantes. Mas aqui, de forma mais explícita, a escrita da estudante chama a atenção pelo impacto que a série causou e pelo nível de sofrimento anunciado por ela.

M. também afirma que a série não ajuda na prevenção do comportamento suicida e justifica citando sua ideação suicida e tentativas: *“Pq a série é um gatilho horrível p quem tem depressão. A gente começa a lembrar das vezes que tentou se suicidar e da época horrível que passamos, e tudo começa voltar p sua cabeça”* (M, 1p, f).

D. cita os impactos emocionais que a série pode ter mesmo para quem está bem: *“Não acho ser uma boa recomendação às pessoas que estão passando por algum transtorno emocional, algumas cenas da segunda temporada me fizeram muito mal em um momento em que eu estava bem”* (D, 2T, f).

Outra estudante nota o impacto negativo da série em uma pessoa próxima. Na questão sobre ter conversado com alguém sobre a série, ela afirmou que: *“Sim, não entendia a gravidade da maneira que a série abordou o suicídio até conversar com uma pessoa que já tentou se suicidar e que não quis continuar assistindo a série”* (F, 2T, f).

K. também entendeu que a série não previne o suicídio:

(...) Não previne o suicidio pq pode deixar alguém com os mesmos pensamentos da personagem achando que todos ali estão sofrendo profundamente POR ELA pós morte, que a justiça só vem se uma atitude drástica dessa for tomada, e que nada do que ela passou em vida sensibilizou alguém próximo a ela pq ninguém percebia como ela tinha mudado... (K, 2T, f).

pessoas próximas também. Porém, estudos sobre o luto por suicídio, como os de Fukumitsu e Kovács (2015, 2016), Fukumitsu (2018) e Guedes (2018), filmes como Elena (2012) de Petra Costa e outras formas de expressão da “odisseia” que o luto por suicídio traz são formas de superar essa ilusão.

Na escrita de K., notamos tanto o possível gatilho pela identificação com Hannah quanto a romantização do suicídio pela atenção e justiça só conquistadas depois da morte autoinfringida.

A estudante Q. responde com uma curta frase porque acha que a série não auxilia na prevenção: “*na série a menina meio que passa que sua dor se foi depois que se matou*” (Q, 2p, f). Também nessa linha, T. fala sobre o que achou da série: “*Não vi aspectos positivos na série, pois achei que ela incentiva ao suicídio, colocando como uma opção boa, que após morrer as pessoas iriam te dar valor*” (T, 1T, f). Essa valorização pós-suicídio bem como a possibilidade da dor sumir após a morte parecem configurar reflexões que incentivam o suicídio - nesse sentido a série é vista por esses/as participantes como uma forma de gatilho, o que apareceu em muitas falas. Vale dizer que a palavra gatilho foi citada 75 vezes no questionário como um todo e também será comentada no próximo item.

A série previne o suicídio parcialmente

A maior parte das pessoas responderam que a série previne o suicídio parcialmente (quase 60%) e nas justificativas dessa pergunta direta ou das outras questões levantadas, há uma diversidade de aspectos da série e dos impactos possíveis a partir dela.

Por exemplo, 6% afirmaram que o impacto da série depende de quem está assistindo. B. escreve: “*Depende do estado emocional da pessoa*”. (B, 2T, f). Já o estudante J. especifica sobre a necessidade de maturidade emocional: “*Não são todas as pessoas que têm maturidade emocional para assistir e reter o que é bom*”. (J, 2T, m)

Porém, de modo geral, a análise qualitativa dessas respostas mostrou a tendência em notar alguns pontos positivos da série mas em perceber o perigo da romantização do suicídio. Como na fala das duas participantes a seguir: “*Acredito que ela pode ser acalento para alguns e angustiante para outros*”. (Z, 2T, f). E dizendo mais diretamente, a estudante H. escreve: “*Ou ela ajuda, ou te impulsiona a se suicidar. Não teve um equilíbrio muito bom nessa parte*” (H, 2T, f).

A respondente L., por exemplo, também percebe dois lados...

Acredito que ajude parcialmente na prevenção do suicídio porque cada pessoa vai tirar um proveito da série. Ajuda, de forma coletiva, pois expõe problemas sociais, o que gera debate e, conseqüentemente, o combate a tais problemas! Por

outro lado, individualmente e em diferentes contextos e situações, pode ser um encorajamento ao suicídio. (L, 1T, f)

Também a participante P., por um caminho de identificação com a série, também mostra possibilidades opostas da mesma. Quanto ao que aprendeu com a série, ela afirmou: *“Aprendi a olhar ao meu redor com mais carinho, e a me enxergar com olhos de atenção. Através dela, busquei amparo psicológico (na família) para algumas coisas que me aflingem”* (P, 2T, f). No entanto, quando perguntada sobre a possibilidade da série contribuir com a prevenção, ela diz que parcialmente porque *“pode ser um gatilho!”* (P, 2T, f). Assim, P. une reflexões levantadas em citações anteriores: a série traz a possibilidade de desenvolver empatia, a identificação com a personagem pode ser positiva no sentido de se buscar apoio emocional, mas ela pode ser um gatilho para quem estiver fragilizado.

Também a respondente M. aponta algo relacionado com empatia quando justifica sua opinião de que a série auxilia parcialmente na prevenção do suicídio: *“Ajuda a você ver a dor de todos a sua volta mas também ajuda a ver o quanto te valorizam depois que perdem você”*. (M, 2T, f). A valorização apontada por M. que houve após a morte de Hannah está relacionada com uma possível romantização do suicídio, também uma crítica constante à série. Nas palavras de U. isso fica claro: *“Pode prevenir pois uma pessoa depressiva pode ver que não está sozinha. Pode não prevenir porque romantiza o suicídio e o que vem depois dele”*. (U,1T, f)

No entanto, o impacto do luto por suicídio dos outros personagens na série é avaliado de forma diferente pelos/as participantes. X., por exemplo, não cita essa valorização pós-morte, mas nota uma possível vingança com o ato suicida bem como o efeito que a dor do luto pode trazer como forma de prevenção:

(...) as vezes parece que o suicídio rendeu, na prática, uma certa vingança. E isso para mentes frágeis pode ser uma coisa boa. Entretanto a dor dos familiares e amigos podem ajudar na prevenção e isto também é mostrado na série. (X, 2T, m)

A depressão também é lembrada nessa percepção polarizada, como fica claro na fala de N. quando responde se aprendeu algo com a série: *“Acredito que sim, a ser mais observador quanto a casos de pessoas com depressão ao meu redor e acredito que a ser*

mais sensível a respeito de suicídio” (N, 1T, m). No entanto ... “A série é bacana, mas acredito que toda romantização sobre suicídio seja complicada” (N, 1T, m).

Outro ponto abordado de forma polarizada foi a forma como a série trouxe a questão do *bullying*: “*Porque ao mesmo tempo que critica o apoio por parte da escola a alunos que sofrem bullying, estimula pessoas que se sentem dessa forma a se sentirem impotentes, como se não houvesse outra opção*”. (K, 2T, f)

A temática do *bullying* também é central na série e, de fato, nas duas primeiras temporadas a forma de lidar com ele não envolve enfrentamento da situação juntamente com os adultos - pais e/ou docentes da escola. Essa questão será retomada na 3ª temporada, mas ainda que haja punição para os principais agressores, é problemática a forma como isso foi feito na série, porque continua o círculo vicioso de violência e impunidade já anunciados nas primeiras temporadas.

Discussão

De modo geral, aqueles/as que se posicionaram de forma favorável à série, acreditam que ela foi importante para abrir o debate sobre suicídio, despertar empatia no/a telespectador/a e abordar a temática da depressão. Por outro lado, os/as participantes que não gostaram da série apontaram a possibilidade dela ser gatilho para quem está fragilizado, podendo ser uma forma de romantização do suicídio. Já aqueles/as que viram pontos positivos e negativos na série, de algum modo, juntaram os dois posicionamentos anteriores seja por pensarem que a série abre o debate mas pode ser gatilho, seja por notarem que ela contribui para o maior cuidado e atenção nas relações entre as pessoas, sobretudo para quem está vivendo situações difíceis, como um quadro depressivo ou *bullying*, mas a forma como a série coloca esses temas acabam justificando o suicídio como única saída possível.

Assim, as falas dos/as estudantes giram em torno de algumas questões despertadas pela série “Os 13 porquês”: importância de se discutir mais a temática do suicídio; empatia; depressão; gatilho e romantização do suicídio. Refletiremos um pouco sobre cada um desses pontos a partir da psicologia junguiana e também de outras referências sobre suicídio, depressão e *bullying*.

Fukumitsu et al. (2015) publicaram um estudo da produção científica brasileira sobre a temática do suicídio entre 2004 e 2013 e afirmaram que o baixo número de

pesquisas na área é reflexo do tabu que ainda envolve o tema. Se a área de tabu ainda reveste o suicídio, é válido afirmar que a série desperta a atenção e a necessidade de falar mais diretamente da questão.

Nos últimos minutos da 1ª temporada da série, um dos personagens principais, Clay, finaliza com uma frase: “Tem que melhorar a maneira que tratamos uns aos outros e que olhamos uns para os outros”, o que mostra o quanto o objetivo da série era despertar a necessidade de buscar novas formas de relacionamento humano como um caminho também importante para a prevenção do suicídio.

Muitos/as estudantes chamaram essa possibilidade de maior atenção à dor e sofrimento alheio por “empatia”. Outros/as não usaram esse termo, mas fizeram menção à atenção ao sofrimento de outras pessoas.

A empatia é um conceito que tem sido bastante abordado no senso comum, mas também sido estudado no mundo acadêmico, nas últimas décadas, por diferentes áreas do saber. Apesar de ser um termo polissêmico, os pontos comuns entre as diferentes formas de abordá-lo, de alguma forma oferece um contraponto ao isolamento e dificuldades de expressão e comunicação comuns na ideação e no ato suicida.

Jung (1960/2011a) conceituou a empatia, para abordar a questão da estética que envolve o processo criativo, uma vez que a arte se relaciona diretamente com o inconsciente. Para o autor, a empatia é um oposto complementar à abstração. De modo que a empatia... “(...) se caracteriza por um movimento que vai ao encontro do objeto – portanto, extrovertido – que supõe que o sujeito anime-o com sua própria vida, ao depositar nele via projeção conteúdos próprios.” (Pereira & Faria, 2015, p.44-5). E a abstração, seria o movimento contrário, de fechamento ao objeto e operação racional.

Assim, o desejo de uma atitude empática que alguém em sofrimento experimenta se relaciona com a possibilidade de relacionamento com o outro que não passe pela racionalidade direta, mas com a aceitação da dor tal como ela está sendo experimentada. De algum modo, a escuta dessa dor, sem julgamentos pode possibilitar que posteriormente ao “esvaziamento” da dor, novos sentidos sejam atribuídos a ela. É por isso que a empatia é apontada como um elemento dos vínculos humanos que trabalha contra as situações que envolvem a ideação e o ato suicida.

Também nesse sentido, está a aproximação feita pelas/os participantes entre suicídio e depressão. Obviamente, nem toda pessoa em depressão tenta suicídio e nem

todo tentante está vivenciando um quadro depressivo. As correlações entre as duas situações parecem ter raízes mais profundas na vivência da dor e do sofrimento sem saída. É nesse ponto que a empatia pode trazer caminhos de acolhimento e sentido para quem está sofrendo. Maria Rita Kehl (2015), em seu livro sobre depressão, “O tempo e o cão”, aborda as consequências funestas da ausência de empatia:

A falta de empatia que encontramos em nossa cultura pelos depressivos costuma ter, entre os adolescentes, efeitos catastróficos; não é incomum que meninos e meninas de catorze ou quinze anos se precipitem em tentativas de suicídio (por vezes fatais) não tanto em função da gravidade do seu quadro depressivo – que poderia muito bem ser um episódio passageiro, característico da chamada crise adolescente –, mas por não suportarem a imensa perda de autoestima, os sentimentos de incompreensão e isolamento provocados pelo estigma da depressão, que afasta amigos e os torna alvos de chacotas e de sérios preconceitos. (Kehl, 2015, p. 23).

O termo depressão não é citado nenhuma vez na série. No enredo é evidente que Hannah vive essa falta de empatia e compreensão pelo *bullying* e *cyberbullying* que é vítima, e o efeito é também catastrófico, como notado pela autora. É possível dizer que Hannah estava vivendo um quadro depressivo não identificado?

Neury Botega, importante psiquiatra suicidologista, publicou em 2018 um livro sobre depressão: “A tristeza transforma, a depressão paralisa”, em que diferencia tristeza e depressão. Em relação à depressão e ao suicídio na adolescência, Botega (2018) aborda os vários desafios comuns a essa etapa do desenvolvimento humano: encontrar um lugar social e familiar diferente da infância, lidar com relacionamentos interpessoais e afetivo-sexuais, trabalho futuro, estudos, sonhos etc. E lembra que:

Entre os estresses que os adolescentes enfrentam, os mais comuns são: término de relacionamentos, situações que provocam vergonha ou humilhação, rejeição pelo grupo social, fracasso escolar e perda de um ente querido. Esses acontecimentos podem funcionar como desencadeantes de tentativas de suicídio, como também de suicídio. Uma tentativa de suicídio, muitas vezes, não objetiva a morte. Ela traz uma mensagem: eu não aguento mais essa situação. Não consigo transformar meu sofrimento em palavras e ações construtivas (Botega, 2018, p.184).

A série não permite “fechar” um diagnóstico de depressão para a personagem Hannah, mas alguns pontos, quando analisados em conjunto, podem ser indicativos de que ela estava em sofrimento: isolamento, queda nas notas escolares, mudanças no corte de cabelo e atitude. Mas para além disso, a série mostra também como os vínculos de Hannah estavam frágeis e não foram suficientes para ajudá-la a dialogar com a dor de uma forma diferente que não fosse o desejo de morte.

Vale lembrar que a empatia é um dos elementos que auxiliam a combater não apenas a ideação suicida, mas também o *bullying*⁶ (Hernandez, Noriega & Quintana, 2019) – temática também central na série “Os 13 porquês”.

Vários/as autores/as (Osório Comis & Cardoso Siqueira, 2013; Azúa Fuentes, Carvalho & Poblete, 2020; Pimentel, Cristina & Dapieve Patias, 2020) relacionam a tentativa de suicídio e a vivência do *bullying* como vítima. Veloso et al. (2019), mais especificamente, apresentam uma pesquisa em que foram levantados os fatores associados à ideação suicida em 142 estudantes universitários/as da área de saúde de uma universidade pública de Terezina: 22% desses/as estudantes apresentam ideação suicida. Dentre esses/as, foi notado que ter sido vítima de *bullying* aumenta em quase 10 vezes mais a ideação suicida.

No entanto, como já dito, a série “Os 13 porquês” não traz apenas cenas e situações de *bullying*, mas também *cyberbullying*. Segundo Ferreira e Deslandes (2018) ainda não há consenso na literatura científica sobre o conceito de *cyberbullying*. Mas há uma comparação entre os/as estudiosos/as em relação às diferenças com o *bullying*, quais sejam: o *cyberbullying* pode ocorrer a qualquer momento, e de forma universal, sem um limite físico-geográfico, pois as postagens podem ir e vir e terem um tempo de permanência indeterminado, uma vez que o ambiente em que ele acontece é virtual. Pode ser expresso por mensagens de texto, vídeos, áudios ou fotos, e tem como o objetivo causar dano a outra pessoa de forma sistemática.

Se a correlação entre *bullying* e suicídio já era evidente, o *cyberbullying* que é um fenômeno ainda mais forte e violento também é um sério fator de risco para uma tentativa

⁶ O *bullying* tem sido definido como a hostilidade, intencional e com frequência, voltada a um estudante ou a um grupo, podendo gerar consequências psíquicas naquele que o sofre, desde uma angústia acentuada até podendo chegar ao assassinato e suicídio (Williams, 2009).

de suicídio (Ferreira & Deslandes, 2018). Apesar de todo o estrago que o *cyberbullying* pode causar, vale lembrar que atualmente é possível solicitar a retirada de uma postagem, vídeo ou foto, das principais redes sociais, após averiguação das devidas plataformas. Além disso, quando se configura crime contra a honra (calúnia, difamação e injúria) é possível recorrer a polícia apresentando provas para que seja aberto um boletim de ocorrência que dará início a uma investigação.

Nossos dados confirmam alguns pontos que também apareceram na pesquisa encomendada pela Netflix (supracitado), tais como: a série facilitou o debate sobre suicídio e outros temas e contribuiu para o desenvolvimento da empatia. Porém, o aumento no número de suicídios apontado por Bridge et al. (2019) também são coerentes com nossos achados, uma vez que muitos/as estudantes mais fragilizados assumiram maior desejo suicida após a série.

Em um momento da série, Hannah fala que se sente invisível. Em alguns casos, é possível notar que o suicídio é uma forma de ganhar visibilidade. E de fato ela passa a ser escutada. É nesse sentido que a série corre o risco de romantizar o suicídio como a possibilidade de mobilizar e obrigar as pessoas a escutar aquilo que não foi possível dizer em vida. Sobre o significado profundo que ato suicida pode ter, estamos de acordo com Hillman (1964/2016, p. 85):

O suicídio é, então, o anseio para uma transformação rápida. Isto não é morte prematura, como poderia dizer a medicina, mas a reação tardia de uma vida travada que não se transformou à medida que prosseguia. O indivíduo quer morrer imediatamente, e já, porque perdeu sua crise de morte antes. Essa impaciência e intolerância refletem uma alma que não se manteve afinada com a sua vida (...)” (destaque do autor).

Essa necessidade de viver a morte, ou seja, as transformações que a vida (ou que a alma, no conceito junguiano) pede cotidianamente pode ser o ponto alto da compreensão do suicídio e da luta para a sua prevenção. De que modo a construção dos nossos vínculos pode ser feita facilitando a elaboração da dor e do sofrimento, muitas vezes inevitáveis? Alguns suicidologistas, tais como Cassorla (2018), defendem que a prevenção do suicídio começa na infância. Assim, nossa busca pela prevenção não se restringe apenas a ações pontuais, mas uma outra forma de perceber as relações humanas.

Considerações Finais

Sabemos que o suicídio é um acontecimento complexo que envolve uma série de fatores, causas e consequências. É um gesto de comunicação, embora represente também justamente a dificuldade de comunicação.

A série “Os 13 porquês”, de fato, facilitou o debate sobre o tema suicídio e outras questões polêmicas e difíceis vividas pela juventude atual. No entanto, seu formato foi considerado problemático por críticos e também por boa parte dos/as participantes da pesquisa, podendo até configurar um estímulo para o ato suicida. Por outro lado, esperamos que a análise da pesquisa e das questões suscitadas por ela tenham, de alguma forma, contribuído para o enfrentando do tema, que embora seja tão antigo na história da humanidade, tem saído, nos últimos anos, do lugar de tabu ou mera condenação moral-religiosa para ocupar o espaço de problema de saúde coletiva, de denúncia do caos social, bem como de percepção da fragilidade dos vínculos na atualidade.

Referências

- Alves, Zélia Mana Mendes Biasoli e Silva, Maria Helena G. F. Dias da. (1992) Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, n. 2, pp. 61-69. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1992000200007>
- Asher, Jay. (2009). *Os 13 porquês*. São Paulo: Ática.
- Azúa Fuentes, Emilio, Rojas Carvallo, Pedro, & Ruiz Poblete, Sergio. (2020). Acoso escolar (bullying) como factor de riesgo de depresión y suicidio. *Revista chilena de pediatría*, 91(3), 432-439. <https://dx.doi.org/10.32641/rchped.v91i3.1230>
- Botega, Neury José. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed.
- Botega, Neury. (2018). *A tristeza transforma, a depressão paralisa: um guia para pacientes e familiares*. São Paulo: Benvirá.
- Bridge, J.A., Greenhouse, J.B., Ruch, D.A., Stevens, J., Ackerman, J.P., Sheftall, A.H., Horowitz, L.M., Kelleher, K.J., & Campo, J.V. (2019). Association Between the Release of Netflix's 13 Reasons Why and Suicide Rates in the United States: An

Interrupted Times Series Analysis. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*. 57 (8), 547-549. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2019.04.020>

Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*. São Paulo: Editora Edgard Blucher. De Leo, Diego. (2012). Apresentação In José Manuel Bertolote. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Editora Unesp.

Durkheim, Émile. (2011). *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes (1ª edição: 1897).

Costa, Petra (Diretora). (2012). *Elena* [DVD]. São Paulo: Busca Vida Filmes.

Ferreira, Taiza Ramos de Souza Costa; Deslandes, Suely Ferreira. Cyberbulling: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3369-3379, Outubro de 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.13482018>

Fukumitsu, Karina Okajima; Abilio, C.C.C.; Lima, C.F.S.; Gennari, D. M.; Pellegrino, J. P.; Pereira, T. L. (2015). Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2 (2), p. 48-60. ver edição (ufba.br)

Fukumitsu, Karina Okajima & Kovács, Maria Júlia. (2015). O luto por suicídios: uma tarefa da posvenção. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2 (2), 41-47. ver edição (ufba.br)

Fukumitsu, Karina Okajima, & Kovács, Maria Júlia. (2016). Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, 47(1), 03-12. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.19651>

Fukumitsu, Karina Okajima. (2018). Suicídio, luto e posvenção. Em Karina Okajima Fukumitsu. (Org.), *Vida, morte e luto: atualidades brasileiras*. São Paulo: Summus.

García-Noblejas, J. J. (2017). Practical philosophy and television drama. Ethical and anthropological remarks on some European television series (2015). *Church,*

Communication and Culture, 2(1), 41–62.
<https://doi.org/10.1080/23753234.2017.1287279>

Guedes, Izabela A. A. (2018). Quando o cliente tira a própria vida: o luto do psicólogo frente à perda por suicídio. In Karen Scavacini. (Org.), *Histórias de sobreviventes do suicídio*. São Paulo: Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial.

Hernández, Gildardo Bautista, Noriega, José Ángel Vera, & Quintana, Jesús Tánori. (2019). Shame, Empathy, Coping and School Safety of the Bystanders in Situations of Bullying. *Trends in Psychology*, 27(2), 357-369. <https://doi.org/10.9788/tp2019.2-05>

Hillman, James. (2016). *Suicídio e alma*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1964)

Jung, Carl Gustav. (1991a). *Tipos psicológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes. (1ª edição: 1960).
Jung, Carl Gustav. (1991b). *A natureza da psique*. Petrópolis, RJ: Vozes. (1ª edição: 1946).

Kehl, Maria Rita. (2015). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.

Marquetti, Fernanda Cristina. (2014). O suicídio e sua essência transgressora. *Psicologia USP*, 25(3), 237-245. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140006>

Moretto, Maria Livia Tourinho et al. (2017). O suicídio e a morte do narrador. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 159-164. <https://doi.org/10.1590/0103-656420172802>

Negreiros, E., Gambardella, V., & Alencar, A. (2021). Incitação/instigação e indução ao suicídio por meio do jogo digital Boneca Momo: análise documental. *Psicologia Argumento*, 39(104), 199 - 221. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.39.104.AO01>

Osório Comis, T., & Cardoso Siqueira, A. (2013). Bullying na perspectiva de adolescentes que cometeram ato infracional. *Psicologia Argumento*, 31(75).
<http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.31.075.AO06>

- Pereira, N. C., Faria, D. L. (2015). Empatia e a (est)ética na clínica: um enfoque junguiano. *Hermes*, 20, 40-49. [ff4469_7740a8fb71db4912b49c74adae24b824.pdf](https://filesusr.com/7740a8fb71db4912b49c74adae24b824.pdf) (filesusr.com)
- Pimentel, F. de O., Cristina, C. P. D. M., & Dapieve Patias, N. (2020). Víctimas de bullying, síntomas depresivos, ansiedad, estrés e ideación suicida en adolescentes. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 205-240. Víctimas de bullying, síntomas depresivos, ansiedad, estrés e ideación suicida en adolescentes | Acta Colombiana de Psicología (ucatolica.edu.co)
- Veloso, L. U. P., Lima, C. L. S., Sales, J. C. S., Monteiro, C. F. S., Gonçalves, A. M. S. & Silva Júnior, F. J. G. (2019). Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 40, October 03, 2019. Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados | Uchoa Portela Veloso | Revista Gaúcha de Enfermagem (ufrgs.br)
- Williams, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 995-1018. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000300015>
- Yorkey, Brian (Diretor). (2017). *Os 13 porquês*. Califórnia: Universal Studios.